

Empresários vão investir em educação

JOAQUIM DE CARVALHO

A Câmara Americana de Comércio para o Brasil, que reúne em São Paulo mais de 300 empresas responsáveis por um quinto das exportações brasileiras, deve investir em ensino básico, a partir do próximo ano. O comitê que dirige a Câmara está preocupado com a qualidade dos estudantes formados pelas escolas de primeiro e segundo grau do País e com o alto índice de evasão escolar. "Algumas empresas já têm dificuldade para contratar mão-de-obra", afirma Jean Rozwadowski, presidente da Câmara em São Paulo.

Para ele, o êxito da nova política industrial do Brasil depende da melhoria da escola básica. Rozwadowski cita dados de uma pesquisa do Banco Mundial para fundamentar sua preocupação. "No Brasil, apenas 21% dos alunos chegam a iniciar o segundo grau", afirma. "É uma taxa insatisfatória não apenas em comparação com os países desenvolvidos, pois no Chile 66% dos estudantes se matriculam no segundo grau e na Coréia esse índice é da 91%".

A Câmara Americana de Comércio para o Brasil já investe cerca de US\$ 100 mil anuais (Cr\$ 8,3 milhões, no câmbio paralelo) com a manu-

tenção de estudantes brasileiros em cursos de pós-graduação nos Estados Unidos. A instituição ainda não sabe como contribuir para a educação básica a partir do próximo ano. A resposta poderá ser encontrada hoje, durante almoço em São Paulo com a presença de 420 executivos paulistas e cariocas e do presidente do Citibank, John Reed, que está no Brasil para as comemorações dos 75 anos do banco no País. "Vamos distribuir um questionário com 16

perguntas para saber quais as necessidades das empresas nesta área", diz John Mein, vice-presidente da Câmara. "O questionário apontará se os empresários querem investir na pré-escola, no primeiro grau ou no segundo grau", acrescenta.

Ao contrário do que o nome pode sugerir, a Câmara Americana de Comércio em São Paulo é formada majoritariamente por empresas de capital brasileiro (47,4%). As empresas de capital america-

no somam 41,1% dos associados. Os demais 11,5% são de indústrias de capital de outras nacionalidades. Criada há 71 anos, a Câmara mantém desde 1977 um programa de bolsas de estudo para mestrado nos Estados Unidos — o IFP (International Fellowship Program).

Em agosto, quando mais seis brasileiros serão enviados a instituições de ensino superior americanas, o IFP completará 51 bolsas concedidas em 13 anos. O programa funciona com contribuições espontâneas das empresas — que variam de US\$ 250 (Cr\$ 20,75 mil) a US\$ 25 mil (Cr\$ 2.075 milhões). O objetivo é obter através desse programa a transferência de tecnologia.

Os bolsistas deste ano desenvolverão estudos de Informática, Engenharia Química e Agronomia — e receberão para isso US\$ 850 mensais (Cr\$ 75,55 mil), além de moradia, alimentação e todas as despesas escolares. Em janeiro de 1991, serão abertas as inscrições para as bolsas de 1992. Para as bolsas do próximo ano, a seleção será concluída em agosto. A Câmara impõe aos estudantes uma única exigência: devem trabalhar no Brasil pelo menos dois anos depois de concluir o mestrado.